



**Fórum
ES de
Dança
2010**



**Fórum
ES de
Dança
2010**

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Equipe de Governo

Governador do Estado do Espírito Santo
Paulo César Hartung Gomes

Vice-governador de Estado do Espírito Santo
Ricardo de Rezende Ferraço

Secretária de Estado da Cultura
Dayse Maria Oslegher Lemos

Subsecretário de Estado da Cultura
Erlon José Paschoal

Subsecretária de Estado de Patrimônio Cultural
Anna Luzia Lemos Saiter

Gerente de Ação Cultural
Maurício José da Silva

Coordenador de Formação Artística e Cultural
Luis Carlos Almeida Lima

Assessoria Técnica - Coordenação de Formação Artística e Cultural
Marcelo Siqueira
Raquel Baelles

Refletir para avançar

Tornou-se quase senso comum nos últimos anos a afirmação de que a dança no Estado do Espírito Santo, depois de um período de ascensão e de uma produção de reconhecida qualidade técnica com visibilidade nacional, enfrenta dificuldades para continuar o seu processo evolutivo.

A fim de estimular a reflexão e o debate sobre questões relativas ao atual momento da dança em nosso Estado e no Brasil propusemos a realização de um Fórum, reunindo profissionais da área oriundos de diversas vertentes e tendências. Sua formatação foi fruto de inúmeros encontros com representantes de grupos, escolas de dança e associações atuantes nessa linguagem milenar tão significativa na história das expressões artísticas com forte repercussão social.

O Brasil é tido como um dos países cuja população tem enorme facilidade em se expressar, sobretudo, através da dança e do canto. Nossas raízes étnicas e nossa miscigenação marcaram nossos corpos e nos deram uma capacidade natural de se exprimir espontaneamente através de movimentos rítmicos que, dotados de técnica, podem encantar o mundo, como sabemos. O Espírito Santo não é diferente. As inúmeras etnias que nos formam influenciam nossa maneira de ver o mundo e de elaborar as nossas obras artísticas.

A intenção da Secretaria de Estado da Cultura ao organizar este Fórum foi proporcionar um espaço privilegiado de troca de idéias e intercâmbios e de busca de caminhos que apontem para a superação de dificuldades, a cooperação, a capacitação profissional, a formação de grupos estáveis e a produção de espetáculos de qualidade, que dialoguem com o tempo presente.

O registro deste encontro é de suma importância para a continuidade das reflexões e para o avanço da arte de dançar no Espírito Santo. Boa leitura!

Dayse Maria Oslegher Lemos
Secretária de Estado da Cultura do Espírito Santo

Fora do ritmo, só há danação.
Fora da poesia não há salvação.
A poesia é dança e a dança é alegria.
Dança, pois, teu desespero, dança.
Tua miséria, teus arrebatamentos,
Teus júbilos

(Mário Quintana)



Ficha Técnica

Fórum ES de Dança 2010

Primavera de 2010

Edição e texto:
Andréia Curry (SJPES: 513/ES)

Projeto gráfico, diagramação e arte final:
Glen Leão

Fotos: Luara Monteiro

Índice

Apresentação	08
Mesa 01 - Panorama da Dança	10
Grupo de Trabalho 01 - Dança e Formação	13
Espectáculo: <i>Tango sob Dois Olhares - Raça Cia de Dança SP</i>	16
Espectáculo: <i>Cartas Brasileiras - Raça Cia de Dança SP</i>	17
Mesa 02 - O Corpo na Arte Contemporânea	18
Grupo de Trabalho 02 - Dança e Políticas Culturais	22
Grupo de Trabalho 03 - Dança e Linguagens Contemporâneas	25
Espectáculo: <i>Receita - Rui Moreira</i>	27
Espectáculo: <i>Entre Dois Pontos - In Pares Cia de Dança</i>	28
Mesa 03 - A Dança e os novos desafios	29
Espectáculo: <i>Ensaio sobre a Dramaturgia das Górgonas - Urucum Dança Teatro</i>	33
Espectáculo: <i>Fahrenheit 451- Cia Teatro Urgente</i>	34
Espectáculo: <i>Corpo Deserto - Cia Mítzi Marzutti</i>	35
Espectáculo: <i>Simboleïn - Cia Enki de Dança</i>	36
Espectáculo: <i>Orí - Cia Homem de Dança</i>	37
Performance Urbana: <i>MovimentUrbano Crew</i>	38
Performance Urbana: <i>Atos Hip-Hop Crew</i>	39
Carta de Vitória	40
Sobre um caldeirão de estilos e idéias	41

Apresentação

O Fórum ES de Dança foi só o início

Ao ver todo mundo reunido no auditório da Escola de Dança, Teatro e Música Fafi, na tarde do dia dez de setembro, a certeza foi de que o Fórum já havia sido um sucesso. Mítzi Marzzuti, moderadora da primeira mesa redonda, expressou isto: “O Fórum de Dança já aconteceu”.

Mais de cem pessoas participaram ativamente das mesas redondas e grupos de trabalho que aconteceram no Fórum ES de Dança, realizado na Escola de Dança, Teatro e Música Fafi, entre os dias 10 e 12 de setembro. Professores, alunos, profissionais, amadores, pessoal ligado a escolas de dança diversas, à Universidade, às danças urbanas, pesquisadores: mais importante do que a quantidade, foi a qualidade do comprometimento das pessoas que, pela primeira vez nos últimos dez anos, reuniram-se para discutir a situação atual da dança e seus desafios para o futuro. O resultado foi a elaboração da Carta de Vitória, com inúmeras proposições para incrementar a área.

Participaram também convidados de outros Estados, com experiências marcantes para contar: Solange Caldeira, bailarina carioca, hoje professora e coordenadora do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa (MG), pesquisadora de linguagens multiculturais na dança brasileira; Márcia Milhazes, bailarina, coreógrafa, que circula o país com seu projeto *O Corpo na Vida Contemporânea*, e o catarinense Alejandro Ahmed, criador do *Grupo Cena 11 Cia de Dança* e de uma verdadeira inversão nos 'passos tradicionais' do balé, propondo movimentos radicais, experiências com a

velocidade em cena e atores inusitados como a cadela border collie *Nina* – agora já parte do elenco.

Ninguém discorda que alguma coisa está mudando na dança capixaba e que deste setembro de 2010 para frente, as perspectivas se tornam mais amplas. “O principal para mim foi a oportunidade de realizarmos uma reflexão em conjunto sobre e dança no Estado”, comentou Yuriê Pamela Perazzin, pesquisadora e bailarina. Ela lamentou a ausência no fórum de grupos do interior do Estado, ligados ao folclore. Contudo, entende que o evento foi um marco, a partir do qual outras coisas virão. “Talvez aconteça uma mudança positiva, com mais oportunidade para todos e qualquer estilo de dança”. Yuriê revelou que seu medo é que a política possa intervir de forma negativa no setor, anulando as vitórias alcançadas até aqui.

“Nestes três dias foram discutidas questões com visões divergentes, porém colocadas por profissionais e pessoas realmente interessadas no crescimento da dança no Estado”, analisou a professora Luciana Zanandréa. Tatiana Brioschi, aluna, gostou dos convidados para as mesas redondas e para os grupos de trabalho. “São profissionais que têm representatividade”, comentou. Que foi dado um start, ninguém duvida. A pergunta que ficou no ar é, e agora? Haverá uma continuidade? Quais serão os próximos passos da dança no Estado? Um curso técnico? Uma faculdade? Uma Cia de balé para a cidade?



A Carta

Durante a Grande Plenária, que encerrou o evento, o subsecretário de Cultura, Erlon José Paschoal, valorizou o interesse dos participantes em encontrar caminhos para a dança no ES. Citou algumas das metas apontadas pelos Grupos de Trabalho e que foram consenso imediato: formar artista que pense a dança e não atleta que só reproduza movimentos; promover profissionalização contínua e múltipla para os bailarinos e maior interação entre as companhias, inclusive, com a criação de projetos coletivos e festivais. Houve consenso também sobre a necessidade de mapear os grupos de dança em atividade e de recuperar a memória da dança no Estado. “O Fórum foi o início”, disse ele. “Agora é possível pensar em idéias mais amplas”.

Interação

Dias de festa na Fafi. Uma atmosfera de entusiasmo tomava conta do prédio, construído no início do século XX. Nas escadarias, nas fachadas, nas salas de aula. Movimento e excitação nos intervalos entre os eventos: a garotada dos grupos de danças urbanas, suas roupas coloridas e seus MCs alegrando o pátio interno da Fafi. Performances, exposições, papos, lanche no meio de cada tarde – e muita comemoração. Afinal, todos que estavam ali foram à Fafi porque queriam compartilhar a multiplicidade de imagens, visões, emoções, conhecimentos: a verdadeira ebulição proporcionada pelo Fórum.

Espetáculos e apresentações de dança e dança-teatro no Teatro Carlos Gomes marcaram as noites do Fórum. A abertura, com *Tango sobre dois olhares, e Cartas brasileiras*, “que nasceu de cartas, que viraram

poemas, que viraram dança”, com o *Grupo Raça Cia de Dança de São Paulo*, foi inesquecível pelo tema e também pelo inusitado transporte de linguagens. *Receita*, de Rui Moreira, encantou a platéia devido à capacidade de comunicação corporal de bailarino paulista, atualmente radicado em Minas Gerais. A capixaba *In Pares Cia de Dança*, também foi aplaudida de pé pela platéia com seu Entre dois pontos.

Houve apresentações de 'trechos' de espetáculos como o curioso jogo de sombras e sons produzidos pela *Urucum Dança-Teatro: Ensaio sobre a dramaturgia das Górgonas*; a estética dramática do Expressionismo Alemão de *Fahrenheit 451*, traduzida em vermelho e negro pela *Cia Teatro Urgente*; o precário equilíbrio da vida contemporânea transparece nas cenas de *Corpo Deserto*, da *Cia Mítzi Marzzuti*, efeito da exploração de planos e da mistura entre elementos de dança e de circo. A magia alegre de *Simbolein*, da *Cia Enki de Dança Primitiva*, que pesquisa expressões corporais ligadas às primeiras civilizações, e *Orí*, apresentada pela *Cia Homem de Dança*, em seu esplendor de dança afro contemporânea, com pintura corporal, colares, passos muito livres e um músico tocando berimbau no palco.

O Fórum, com certeza, deixou boas lembranças. A bailarina e escritora Flávia Dalla Bernadina considerou o encontro da maior importância “para a retomada do movimento da dança no estado, não somente do fazer a dança, mas também de pensar e refletir a dança”. Para Márcia Milhazes, foi encantador conversar sobre a alma da dança. Agora, é necessário traduzir, mastigar um pouco as discussões, as idéias. Desse encontro devem vir muitas mudanças...



Panorama da Dança

Mesa 01



Participantes



Mítzi Marzzuti (ES)

Bailarina, coreógrafa, dirige há 24 anos a Cia. De Dança Mítzi Marzzuti, um dos primeiros grupos profissionais de dança no Estado. Produziu festivais e fóruns de dança nos anos 90 no ES. Atualmente preside a Associação das Companhias Profissionais de Dança do Espírito Santo (Prodança) e mantém sua companhia em muita atividade, promovendo intercâmbios com outros coreógrafos e criadores.



Solange Caldeira (MG)

Bailarina há 40 anos, dançou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e no Balé da Cidade de São Paulo; coreógrafa, diretora artística e pesquisadora da área de teatro e dança. Seu principal projeto de pesquisa é o "Caminhos da DançaTeatro no Brasil". Em setembro de 2009, lançou o livro *O lamento da imperatriz, um filme de Pina Bausch*, estudo sobre um dos ícones da dança e do teatro no século XX e XXI.



Luciana Zanandréa (ES)

Professora, coordenadora pedagógica e diretora do Balé da Ilha (1999). Também coordenou a Escola de Dança e Teatro Fafi. Graduada em Educação Artística pela Ufes, membro da comissão organizadora do Enesdança (Encontro Estadual das Escolas de Dança) que realizou este ano sua 14ª edição.

Inquietações que emergem

Na primeira mesa redonda do Fórum ES de Dança surgiram muitas questões. O que é dança? Como deveria ser a formação do profissional da área? O que é ser profissional da dança, ou melhor, das artes, num momento em que dança, teatro, imagens, música e tecnologia se entrecruzam produzindo novas relações entre elas – e também com a platéia?

Havia no Estado uma demanda reprimida: cada escola, cada companhia de dança, cada profissional, cada aluno convivia isoladamente com suas inquietações em ambientes muito solitários. Foi só acontecer um encontro entre eles que as questões, as inquietações, transbordaram. Difícil foi encerrar os debates devido ao imenso interesse dos mais de cem participantes da primeira mesa redonda do Fórum ES de Dança.



“

A dança amadora se desenvolve mais do que a dança profissional no Estado.

Mítzi Marzzuti

”

Mediada pela bailarina e coreógrafa Mítzi Marzzuti, a mesa redonda contou também com Solange Caldeira e Luciana Zanandrêa, bailarinas, coreógrafas, professoras. Aproveitando sua pesquisa para a apresentação do livro *Retratos do Gesto*, de Carlos Antolini, Mítzi delineou a história mais recente da dança no Espírito Santo e contou que nas últimas duas décadas muitas companhias surgiram e acabaram devido às dificuldades de ser um profissional da dança em Vitória.

Houve, segundo ela, momentos em que a dança foi valorizada no Estado. Momentos pontuais, como em 1987, na inauguração do Teatro José Carlos de Oliveira, do Centro Cultural Camélia, quando houve um festival. Citou o Dançarte, projeto que estimulou as companhias de dança do Estado entre 1987 e 1990. O Festival Vitória Brasil de Dança, realizado em duas edições, em 1995 e 1996, valorizou a dança urbana e de pesquisa, além de proporcionar um espaço para discussões entre os participantes sobre como inserir a dança feita no Espírito Santo no circuito dos festivais de dança contemporânea do Brasil. Houve também o 1º Vitória Dance Festival, em 1996, no Teatro Carlos Gomes, que trouxe a Vitória os espetáculos premiados na XIII Mostra de Coreógrafos do Rio de Janeiro.

Para Mítzi, nestas últimas décadas, a dança amadora se desenvolveu mais do que a profissional. A prova disso foi a mobilização provocada pela 14ª edição do Enesdança, o Encontro Estadual de Dança do Espírito Santo, que aconteceu em julho deste ano. Participaram desta 14ª edição 37 escolas de dança capixabas e cerca de 500 alunos. Os profissionais, por sua vez, encontram grande dificuldade para manter uma companhia duradoura.

Como solução, sugeriu a criação de uma bolsa para artistas da área e a construção de novos espaços para apresentação de espetáculos de dança. Também disse que sente falta de “crítica” especializada.

Profissionalização

Com quatro décadas de experiência como bailarina, Solange Caldeira afirmou que é impossível existir

dança profissional sem remuneração adequada, nem agenda de apresentações. “Se o bailarino não se sustenta, ele não pode se dedicar”. Solange é chefe do Departamento de Artes da Universidade Federal de Viçosa e se posicionou sobre a formação em dança. Ela observou que a universidade não vai transformar ninguém em bailarino profissional: “Forma coreógrafo, professor de Ensino Fundamental, mas não um artista”. Para Solange Caldeira, a dança exige mais do que técnica, disciplina e esforço: é necessário ter dom. “O professor vai dirigir esta habilidade natural do aluno e prepará-lo para o palco. Aí, o artista ganha vida. Quem gosta mesmo de dançar sabe que não existe outro lugar melhor do que o palco”.

Ela sugeriu a criação de um corpo de baile para a Escola de Teatro e Dança Fafi - um espaço que já existe, com escola montada e funcionando, e que caminha para se tornar uma 'escola técnica' na área: “O Fórum é um lugar belíssimo para gerar novidades. E uma companhia, mesmo pequena, vai motivar os alunos do Estado”.

Na opinião da professora, o desenvolvimento da formação superior em dança no Brasil está contribuindo para que a arte da dança seja encarada como uma área de conhecimento – e, com isto adquira respeitabilidade. Hoje já existem 25 cursos em universidades, a maior parte deles criados nas três últimas décadas. “São espaços para pesquisa e reflexão”, acredita. É uma etapa importante para o reconhecimento da profissão. E para a mudança da imagem da própria atividade, vista muitas vezes como “diversão de garotinha rica que quer ficar graciosa”.

A dança é uma instância de conhecimento do mundo, um saber; um método para gerar conhecimento, construir uma memória – que falta no Brasil – e buscar entender as diversas expressões deste país extremamente musical e corporal. Solange trabalha atualmente no projeto de pesquisa *Caminhos da Dança Teatro no Brasil*. Sobre este tema, ela tem realizado – e participado – de seminários e mostras por todo país. O III Seminário Nacional de Dança Teatro já está programado para abril de 2011, na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

“ Talvez haja uma lacuna entre estudantes de dança formados e os profissionais de grupos já estabelecidos
Luciana Zanandréa ”



Sobre formação e lacuna

A, bailarina, coreógrafa e professora Luciana Zanandréa, pensa que falta alta-estima aos estudantes de dança de Vitória. Em sua opinião, isto acontece porque existe uma lacuna entre estudantes já formados pelas escolas de dança do Estado e os profissionais das Companhias de Dança. A falta de perspectivas profissionais leva os alunos mais preparados a buscarem caminhos fora do Espírito Santo e, assim, perde-se muitos talentos daqui.

Ex-diretora da Fafi, Luciana disse que a grade curricular da escola é invejável – só falta mesmo se tornar uma escola técnica e ter um corpo de dança. Um caminho que a escola já vem trilhando desde o ano passado, revelou Renato Santos, coordenador da área de dança. Segundo ele, a Fafi já trabalha com a integração de dança, teatro e música e que tem recebido profissionais de outros estados para oficinas. O professor adiantou que está sendo preparada na Escola uma releitura da obra *Quebra Nozes* com música de Tchaikovsky.

O debate

O tema da mesa redonda, *Panorama da Dança*, foi obrigado a se expandir durante os debates. Discutiu-se a formação dos profissionais da área, conexões entre corpo/pensamento, conceito/movimento. Lamentou-se a falta de união entre profissionais no Estado, a dificuldade de se criar uma cooperativa aqui, a ausência de

informações e de intercâmbios. Reivindicou-se a organização de mais mostras de dança para movimentar a área. Houve uma reflexão sobre a relação com o público. Foram levantadas questões sobre a comunicação e o envolvimento dos espetáculos conceituais ou de dança contemporânea com o público.

Houve, inclusive, a rediscussão de conceitos, a começar pelo que é dança hoje: vale dizer texto? Dançar com imagens em vídeo? Utilizar as paredes como num quadro, se pendurar no teto com acrobacias, dançar com objetos? Também vale ficar parado, só na intenção do movimento? Porque apenas a intenção já mobiliza os órgãos e mecanismos do corpo do artista e a atenção da platéia.

A certeza é que o conceito de dança, atualmente vai além das aulas de clássico com sapatilhas de ponta que as meninas faziam para aprender bons modos: está ligado a outras artes, ciências e às mídias. À transversalidade entre áreas de conhecimento, possivelmente seja a medida da contemporaneidade. Até que ponto pode se chamar de dança espetáculos em que o foco não está no corpo em movimento? Solange Caldeira disse que a pergunta atual não é o que é dança, mas 'o que é arte'?



Dança e Formação

Grupo de Trabalho 01



Participantes



Solange Caldeira (MG)

Bailarina há 40 anos, coreógrafa, professora da Universidade Federal de Viçosa e pesquisadora da CNPQ sobre Estudos Integrados de DançaTeatro.



Monica Tenore (ES)

Bailarina, professora de dança clássica, coreógrafa e diretora da Escola Monica Tenore, com 22 anos de trabalho. Diretora também da *Cia de Dança Flamenca Alma Andaluzia*, ao lado de Giselle Ferreira. Fundadora e membro da comissão organizadora do Enesdança, festival que reúne as escolas de dança do Estado.

Dança e formação: E quem forma o professor?

Para a professora Solange Caldeira, é necessária, sim, uma graduação em *d a n ç a : a p e s q u i s a*, o interrelacionamento entre áreas são operações ligadas à produção de conhecimento. Nada mais propício do que um ambiente universitário para que isto ocorra: “O acesso à multiplicidade de informações, se bem conduzido, pode disparar processos criativos”, revelou.

Num país musical e corporal como o Brasil, esta área de conhecimento torna-se ainda mais importante. A multiplicidade de manifestações, as atualizações delas frente às mudanças urbanas, históricas e tecnológicas; o desenvolvimento das linguagens artísticas e científicas e, no meio de tudo isso, qual o lugar do homem, do corpo, do movimento, da expressão. Quais são as novas interconexões geradas por todas essas mudanças? Que possibilidades temos?

O que seria então uma formação profissional para o bailarino? Luciana Zanandréa citou a grade curricular da Fafi como exemplo de ponto de partida. Afinal, a escola está se preparando para ser uma escola técnica até 2012. O curso tem carga horária de 1880 horas de aulas presenciais e duração de três anos, distribuídos em seis semestres e oferece ao aluno a possibilidade de escolher entre a formação em dança clássica ou contemporânea. As disciplinas vão de técnica clássica (de I a VIII), técnica de ponta (I a VI), a c o n h e c e n d o o c o r p o , Musicalização, Introdução à Filosofia, Introdução à Sociologia, Improvisação e Coreografia.

A Fafi, como escola pública de artes que é, entrou no foco da discussão do GT. Houve um questionamento sobre o papel da Escola no Estado. Se era só para a dança amadora, se ali havia espaço para profissionais? Surgiram inúmeras sugestões: ampliar o intercâmbio

Tenore reconheceu a existência de uma lacuna entre os alunos que terminam sua formação e o profissional em dança no Estado. Sugeriu que a Fafi atuasse nesse espaço, promovendo mais apresentações de dança – até para evitar a saída dos melhores alunos para outros lugares. O perigo aí é o da influência política num espaço público, impedindo a continuação dos processos.

Outra questão abordada no GT: como formar os próprios professores de dança? Como garantir a continuidade de sua formação? Intercâmbios com coreógrafos de outros Estados? Residências? Estágios? Mostras, festivais? Calendário permanente de apresentações? Seminários, fóruns e mais espaços para discussões?

Impossível negar a demanda por expandir o conhecimento nesta área durante o GT. Coordenador de Dança da Escola, Renato Santos disse que a idéia é, por meio de painéis



entre alunos e profissionais do Estado e de fora dele; criar na Fafi uma 'residência' em artes corporais, formar um corpo municipal de dança com artistas profissionais; criar uma Cia de dança com jovens e por aí foi o debate. A bailarina e professora de balé clássico, Monica

científicos, aglutinar profissionais e pesquisadores das mais diversas áreas, mas conectados com temas como arte e movimento, para pensar a dança – e formar um corpo de conhecimento que dê base para, em alguns anos, criar ali um curso superior na área de



“

Acho importante realmente que o Espírito Santo tenha um grupo profissional de dança.

Lenira Borges

”

dança, teatro e música. Sobre o balé da cidade, ele disse que também está em gestação. A escola já tem o Grupo Fafi de Dança, com 20 integrantes, que seria o laboratório desta Cia municipal. O grupo está em fase de criação de repertório.

“

E como formar os próprios professores de dança? Como garantir a continuidade dessa formação?

Monica Tenore

”



Espetáculo

Tango sob Dois Olhares Grupo Raça Cia de Dança - SP

Direção e coreografia: Roseli Rodrigues;
Músicas: Astor Piazzolla;
Iluminação: Moisés Vasconcellos;
Bailarinos: Andrea Spósito, Anderson Couto,
Carolina de Sá, Gustavo Donatti, Jhean Alex,
Juliana Portes, Luana Espíndola, Luis Crepaldi,
Marcella Gozzi, Priscila Ribeiro, Rafael Luz, Rafael
Zago e Rony Dias.





Cartas Brasileiras Grupo Raça Cia de Dança - SP

Direção e Coreografia: Roseli Rodrigues;
Iluminação: Marcos Carreira;
Bailarinos: Andrea Spósito, Anderson Couto,
Carolina de Sá, Gustavo Donatti, Jhean Alex,
Juliana Portes, Luana Espíndola, Luis Crepaldi,
Marcella Gozzi, Priscila Ribeiro, Rafael Luz,
Rafael Zago e Rony Dias.

Emoções não faltaram nos dois espetáculos apresentados na noite de abertura do Fórum ES de Dança. E também na platéia. Com *Tango sob dois olhares* e *Cartas brasileiras*, a Cia. paulista conectou a música de Astor Piazzola, ao preto e branco do cenário e figurino e aos sensuais passos da dança argentina, – e recebeu o prêmio de melhor espetáculo de 2009 no Festival de Dança de Joinville (SC). Já a mobilização corporal provocada pelas *Cartas* evocou lembranças de sentimentos mais profundos que apenas quem experimenta a troca de correspondências é capaz de entender. Anderson Couto, Carolina de Sá, Juliana Portes, Luis Crepaldi, Rafael Luz e Rony Dias, do corpo de baile, e Moisés Vasconcellos, que trabalhou com a luz do espetáculo, reverenciaram mais uma vez a memória de Roseli Rodrigues, a coreógrafa e criadora da Cia, falecida precocemente em março deste ano.



O Corpo na Arte Contemporânea

Mesa 02



Participantes



Marcelo Ferreira (ES)

Coreógrafo, bailarino, ator, professor e pesquisador. Graduado em Comunicação e Pós-Graduado em Educação e Artes.



Marcia Milhazes (RJ)

Bailarina, coreógrafa, professora de dança. Pós-graduada em estudos de dança e coreografia pelo *Laban Centre de Dance* de Londres dedica-se também a oficinas e palestras sobre “*O corpo na vida contemporânea*”.



Rui Moreira (MG)

Paulista radicado em Belo Horizonte desde 1984, Rui Moreira é bailarino, coreógrafo, técnico em iluminação cênica e produtor de espetáculos. Começou em 1979 uma carreira que foi marcada pela participação como intérprete no *Grupo Corpo* (MG), no *Cisne Negro* e no *Balé da Cidade* (SP). Seu interesse atual é a mescla de dança acadêmica com manifestações populares.

O Corpo que pensa

Arte ou ciência, não importa. A verdade é que o corpo tem saberes, memórias: não é feito apenas de carne. E se pensarmos a dança como um meio de conhecimento do mundo, o corpo seria um canal de conexão da mente com o resto do universo pelo caminho do movimento. É o lugar da criação de quem dança. Da capacidade corporal de criação. Este o eixo que iniciou os debates na segunda mesa redonda do Fórum ES de Dança e provocou uma reflexão contundente sobre o corpo contemporâneo.

Para Marcelo Ferreira, o moderador da mesa, arte é uma forma de conhecimento como a ciência: o corpo contemporâneo é um corpo conectado a um fluxo de informações, complementado pela alta tecnologia, em oposição aos corpos ritualísticos antigos. O ritual continua, mas a arte corporal ampliou suas fronteiras: “Basta um corpo presencial para fazer circular informações”: Mas nem sempre isto acontece. Porque falta arriscar, falta experimentar, falta pesquisar. Essa idéia da pesquisa, para ele é fundamental. É o que o move: pesquisar processos criativos, gestual dramático expressionista, interações com artes visuais e audiovisuais.

Marcelo permanece ousando, há mais de 20 anos, foi da equipe da *Cia Neo-Iaô de dança*, ao lado de Magno de Godoy. Nela, explicitava a influência japonesa no uso de leques, máscaras e também introduziu a idéia do silêncio e da falta de movimento no palco. Ao invés dos belos corpos da dança mais tradicional, as pesquisas de Marcelo Ferreira têm levado à deformação do corpo como uma forma de arte. Espetáculos com características de um teatro 'pós-dramático', como, complementa Marcelo, citando o teórico Hans Thies Lehmann. Somem as fronteiras conhecidas: “O texto não é o mais importante. Outras 'atrações' acontecem. Movimentos, formas, objetos, audiovisual e outras possíveis conexões com o público e com o espaço cênico”.

A deformação, o estraçalhamento do corpo físico é a mais antiga forma de submetê-lo à obediência e servidão. Arte e consciência precisam estar juntas, observou Marcelo. Afinal, o pensamento deve direcionar o corpo e fazer acontecer a arte. Contudo, ele enxerga muita acomodação por toda parte e o campo da dança como tomado pela idéia do espetáculo, do artista como a pessoa que vai animar a festa – e não fazer pensar. Por isso a deformação, o 'desmoronamento' do corpo físico em cena, para fazer refletir. “Pensar é perigoso”, diz um personagem em seu *Fahrenheit 451*. Influenciado pela estética expressionista alemã, seus últimos trabalhos em dança seguem rumos do cinema: *Nosferatu*, *Metropolis* e *Fahrenheit 451*. Para ele, a questão da ideia é o básico. Se não, a arte perde seu poder de questionar, de provocar.

A idéia e o conceito

Márcia Milhazes concorda: “Quando a gente abre o leque de nosso próprio olhar vê que a dança é um

detalhe dessa pirâmide de temas em que o corpo está envolvido. Por isto o pensamento, o foco, a idéia”. Bailarina, coreógrafa, diretora da Márcia Milhazes Companhia de Dança, ela coordena, atualmente, o projeto *O corpo na vida contemporânea*, levando oficinas e palestras para várias cidades do país. A coreógrafa percebe que as pessoas da área da dança, muitas vezes, se fecham em seu trabalho e não vão assistir a espetáculos de outras artes – com isso deixam de considerar possibilidades. “Tem a questão do confronto das nossas idéias com as idéias de outros artistas, Quando a gente olha o outro, a gente está olhando para si mesmo. Fica contaminado por camadas de idéias, e isso é importante no processo criativo”, observa.

“Fomentar idéias, pensar o corpo”. Márcia Milhazes percebe uma lacuna entre este ideal e a prática. Acha que as idéias estão cada vez mais preguiçosas, assim como o olhar do público. Parece mesmo que há uma crise em andamento: todo mundo dança, todo mundo é coreógrafo, todo mundo é bailarino... e, no momento, está tudo muito chato, copiado, repetitivo. Mas Marcia acredita que arte é trabalho: “Você só saberá quem você é trabalhando. Só encontrará um lugar só seu trabalhando, pesquisando. Tem questões solitárias que só a gente pode resolver. Porque o trabalho exige tempo, maturação. A gente tem ansiedade, tem medo. A arte permite algumas confusões devido a sua abertura, mas não é um vale tudo...”

A improvisação é outro lugar que virou 'coisa fácil', para Márcia Milhazes. “As pessoas confundem. Este é um momento do trabalho em processo, faz parte da criação. É o trabalho em andamento, ainda não está pronto”, define. “Para o público, a gente tem que mostrar o trabalho pronto e para isso tem que haver preparação”. Acontece que há um mercado, e



“
Dá vontade de quebrar a “4ª Parede”.
Rui Moreira
”



foto: Etêlo Paraiso

nele a arte vira comércio. E aí vem a competição, a disputa. Só que não dá para virar uma fábrica, produzindo ininterruptamente: há o risco de se perder o papel do intérprete. Isso é uma cilada gerada por professores e coreógrafos que carregam uma 'carça', uma arrogância inibidora dos verdadeiros processos artísticos. “Penso que o homem está emudecido de medo ao passo em que a arte é essencialmente transformadora!”

Márcia citou como exemplo “um discurso bastante leviano”, nos dias de hoje, de que nada mais se cria que possa refletir alguma singularidade. Como se nos fazeres artísticos, tudo já tivesse sido feito” – e, dessa forma, a cópia, a apropriação é válida. “Todos têm a permissão de copiar o outro sem qualquer pudor, provocando um lugar comum” e, com isto, afastando as instigações que a arte deve cumprir na sociedade. “Como se a vida fosse simplista e também óbvia”, completa. “O homem é complexo e carregado de uma dramaturgia que vem do inconsciente. Há nele fortes pulsões que, por não serem conscientes, torna-se difícil entendê-lo”. Ela contou que, nessas horas, lembra do conselho de um amigo do teatro, Ítalo Rossi. Depois de assistirem a uma apresentação com “toneladas de cenário e cem gramas de obra”, ele lhe disse: “Resista, Márcia. Resista!”

Busca e pesquisa

“Como a arte pode ajudar a falar do corpo de outra forma?”, questiona Márcia Milhazes. Por isso, responde, a concepção do corpo como lugar de pesquisa, como objeto e campo artístico onde o coreógrafo vai buscar suas referências e reflexões, conceitos e sentidos do movimento.

Bailarino, coreógrafo, técnico em iluminação, Rui Moreira também tem se dedicado a pesquisar as relações entre corpo e cultura. “O inesgotável e inspirador caldeirão de culturas do planeta me afeta cada vez mais, e venho transformando este “afeto” em processos criativos”, revela. Assim surgem suas oficinas e peças coreográficas para elencos diferenciados e diversos.

O desencadeamento de processos artísticos, segundo Rui Moreira, é “libertador. A criatividade é elemento imprescindível para a sobrevivência humana e a arte instiga esta poderosa capacidade do homem”, acrescenta. Para ele, estimulado por sua sensibilidade, o homem se manifesta artisticamente, mesmo que não seja por ofício: “A criatividade pode vir de um silêncio ou de um estrondo proporcionado pela subjetividade interior ou apenas para resolver uma situação emergente”, define. O coreógrafo lembra, contudo, da influência exercida pelo meio sobre esta criatividade. Um meio em que “questões ligadas aos conceitos de raça e de etnia podem estimular complexas e controversas





“
Quando a gente olha o outro, a gente está olhando
para si mesmo. Fica contaminado por camadas de idéias.
Márcia Milhazes
”

cadeias ligadas à escravidão moral, material e psicológica”.

“O pensamento de que o progresso de uns só acontece a partir da exploração indiscriminada da energia de outros é muito comum. Estas situações de escravidão são mais presentes do que podemos imaginar e podem ser identificadas inclusive em processos de sensibilização artística e de formação profissional, que podem desconsiderar, por vezes, as almas e as culturas dos indivíduos”, opina. Atualmente, para ele, interessa saber “que experiências humanas apontam caminhos para a superação dos conflitos étnicos no planeta”. Busca entender também como se dão os processos de sensibilização e formação artística pelo ponto de vista das tradições étnicas e o papel das tecnologias, como conjunto de saberes da arte ou da ciência, neste processo.

Em sua opinião, a educação de massa pode levar a dois tipos de relação com a tecnologia. Pode reforçar padrões sociais e se tornar uma prisão para a criatividade, impedindo ousadias e inventividades. Ou pode permitir o compartilhamento e a reciclagem de pontos de vista”. É o que o bailarino nota ao observar os processos de transmissão de saber que são permeados por esta reciclagem intencional como, por exemplo, as culturas passadas de pai para filhos ao longo das gerações. “Há uma reciclagem natural que torna estes saberes dinâmicos”.

Problemáticos, para ele, são os processos de comunicação de massa, que geram uma compreensão muito superficial do mundo. Daí a dificuldade do público lidar com conceitos, com o pensamento, com a idéia – porque está acostumado a não interpretar. Na opinião de Rui Moreira, não existe processo artístico que não seja conceitual. Até mesmo a dança de entretenimento parte de um conceito, de idéias. É preciso refletir, elaborar, pontua. Paulista, radicado em Belo Horizonte desde 1984, Rui Moreira preocupa-se muito também com a relação entre artista e platéia. Para ele, às vezes dá “vontade de quebrar a 4ª parede” para buscar uma comunicação mais direta durante o espetáculo.

Este intrincado grupo de relações, de acordo com o coreógrafo, formam o corpo contemporâneo:” Na condição de cidadão artista por ofício e educador, percebo este termo como sinônimo de crises que geram sensações estéticas, desencadeando, dessa forma, a expressão de uma diversidade de percepções sobre o mundo”. Para ele, é esta diversidade que promove processos criativos e ou repetições de padrões, de atitudes, que resultam em formas de expressões variadas. “Todos os seres humanos, de uma forma ou de outra, exprimem suas visões de mundo, mas os artistas se especializam a apresentar com criatividade suas visões deste mundo e buscam receptividade e cumplicidade estabelecendo diálogos com outros criadores, intérpretes e público observador”.



Dança e Políticas Culturais

Grupo de Trabalho 02



Participantes



Leonel Brum (RJ)

Coordenador de Dança da Funarte, pesquisador e diretor Artístico do *Dança Brasil* e *Festival Dança em Foco*, um dos fundadores do *Círculo Vídeo-Dança Mercosul*.



Leonardo Serra (ES)

Produtor e diretor cultural, membro do *Colegiado Nacional de Dança*. Participou de cursos de formação em políticas públicas para a proteção da *Diversidade Cultural e de Formação em Gestão Cultural*.

Análise do Plano Nacional de Dança

Foi um Grupo de Trabalho que, praticamente, se dedicou a discutir as propostas nacionais já existentes para a dança e sugerir as adaptações destas à realidade do Espírito Santo. Na verdade, segundo Leonardo Conceição, o Plano Nacional da Dança está há anos sendo elaborado, mas pouca gente o conhecia. “Foi uma grande vitória conhecer e discutir esse documento no Fórum ES de Dança”, disse ele. Para Leonardo, o empenho dos participantes do GT em conhecer, discutir e dar sugestões foi um dos resultados positivos do Fórum ES de Dança.

“A dança vivenciou um marco em seu desenvolvimento a partir dos anos 1990”, relatou Leonel Brum, coordenador de dança da Funarte, durante sua apresentação do Plano Nacional de Dança. Ele contou que naquele momento, a necessidade de políticas específicas para o setor, resultou em um movimento de organização estratégica da classe: “Não foi somente um período de profissionalização e estruturação do campo de atuação dessa arte, mas a própria produção artística da dança ampliou suas fronteiras, ao desenvolver e construir um constante diálogo com outros suportes e outras linguagens artísticas, como as artes visuais, o teatro e as novas mídias digitais”, revelou.

Em sua apresentação sobre a elaboração do Plano Nacional de Dança, o representante da Funarte explicou que a partir dos anos 2000, a dança no Brasil passou por um grande período de crescimento. Os profissionais passaram a se unir mais e organizar suas reivindicações e mobilizações. A partir daí, foram construídas políticas através de encontros e eventos que identificassem as necessidades e objetivos em comum em todo o país. Entre outros eventos importantes, aconteceram, o Movimento Nacional "Dança é Arte", que marcou a comemoração em várias cidades brasileiras do Dia Internacional da Dança - CID – UNESCO; em 2001 ocorreu em Brasília, o Fórum Nacional da Dança; outros Fóruns aconteceram em Campinas, Salvador, Belém, Canoas(RS), Curitiba, Mato Grosso, Fortaleza, São José do Rio Preto, entre outros.

Leonel Brum relacionou como conquistas do setor nos últimos dez anos, a criação de cursos superiores de dança em todo o país; a criação de diretorias ou coordenações específicas de dança em diversos órgãos públicos; a elaboração de leis e editais específicos de fomento à dança; levantamentos de dados e indicadores específicos da área – IBGE/MinC. Estas conquistas foram base para outras conquistas para a dança, como expôs o representante da Funarte: a estruturação de ações em redes nacionais e internacionais, potencializando projetos artísticos e ampliando o alcance de festivais e eventos na área; o envolvimento de instituições como SEBRAE e SESC, em ações de profissionalização e estruturação da dança não somente como atividade artística, mas também econômica; a criação da Câmara Setorial de Dança, pelo Ministério da Cultura em 2005. A



mais recente conquista da dança no país, segundo ele, ocorreu com a elaboração do Plano Nacional da Dança, criado a partir do diagnóstico e das necessidades levantadas em encontros anteriores e organizadas em cinco eixos:

Eixo 1 - Produção Simbólica e Diversidade Cultural

Criar, sistematizar e efetivar programas e projetos para a formação de profissionais na área, fomentando e facilitando a abertura de cursos de licenciatura e/ou bacharelado em dança nas universidades públicas brasileiras, além de outros mecanismos de reconhecimento e/ou qualificação para o ensino não formal.

Eixo 2 - Cultura, Cidade e Cidadania

Garantir a criação de uma Diretoria de Dança na FUNARTE e a implantação de diretorias e/ou coordenações de Dança na estrutura organizativa dos municípios, estados e Distrito Federal, com cargos ocupados por profissionais da área com reconhecida atuação no campo da dança.

Eixo 3 - Cultura e Desenvolvimento Sustentável

Criar marcos regulatórios (Lei da Dança), articulando ações entre o Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, Ministério da Cultura – MinC e Ministério da Educação – MEC que assegurem o pleno exercício dessa profissão, estabelecendo pontes entre esses e as instâncias estaduais, distrital e municipais.

Eixo 4 - Cultura e Economia Criativa

Criação e implementação de leis de fomento e fundos setoriais para a dança nas esferas federal, estadual, municipal e distrital, com dotação orçamentária definida, critérios transparentes de seleção e distribuição de valores.

Eixo 5 - Gestão e Institucionalidade da Cultura

Assegurar a versão completa do Plano Setorial da Dança, elaborado pelo Colegiado Setorial em 2009, para disponibilidade por um prazo mínimo de 45 dias para consulta pública, e que todas as sugestões e alterações sejam consideradas pela nova composição do Colegiado Setorial de Dança, e sua versão final seja legitimada pelas instâncias legislativas em caráter de urgência.

As proposições do Plano Nacional foram analisadas por três grupos de participantes, tendo em vista sua adaptação da esfera nacional para a estadual. O resultado, resumindo, foram as seguintes propostas: criar projetos coletivos como festivais, mostras, fóruns e eventos para divulgar e promover a dança, incluindo-os nos calendários de eventos culturais do país; estimular o ensino de dança nas escolas; viabilizar apoio financeiro às entidades de classe; criar centros coreográficos e cursos técnicos e de licenciatura em dança por todo o país.

Os participantes também consideraram importante incluir no Plano Nacional de Dança itens, como, a elaboração de um calendário nacional de eventos com festivais, mostras e fóruns de dança na programação; a garantia dos direitos trabalhistas dos profissionais da dança e a capacitação de profissionais da dança na elaboração de projetos, entre outras propostas.



Dança e Linguagens Contemporâneas

Grupo de Trabalho 03



Participantes



Marcia Milhazes (RJ)

Bailarina clássica, coreógrafa e pesquisadora dirige a *Márcia Milhazes Companhia de Dança*.



Flavia Dalla Bernardina (ES)

Bailarina, escritora e advogada. Atuou no *Balé da Ilha Cia de Dança* e na *Cia de Dança Mítzi Marzzuti*. Participou de vários festivais de dança e oficinas.

Sobre o entrelaçamento de artes diversas

Este GT, de certa forma, continuou desenvolvendo questões do corpo e da dança iniciadas nas mesas redondas anteriores. Reflexões, questionamentos. As discussões incluíram dança, artes plásticas, música clássica e popular, literatura e mídia. Para Márcia Milhazes, “acaba ocorrendo um entrelaçamento entre a pesquisa sobre o corpo e outras manifestações da cultura brasileira – um processo extremamente criativo, que se tornou mesmo seu objeto artístico”. Mas não é tão simples. “Arte é múltipla, multidisciplinar. Existe lugar para todo mundo, para todas as linguagens. Agora, existem critérios. Tem que ser pensado, não vale qualquer coisa. É fundamental ter conhecimento. Saber o que se está fazendo”.

A dança? Não é movimento
súbito gesto musical
É concentração, num momento,
da humana graça natural

Carlos Drummond de Andrade

A certeza é que, quando se fala em linguagens contemporâneas da dança, as discussões incluem balé, hip-hop e outras danças urbanas, artes plásticas, música clássica e popular, literatura e mídia. Incluem também abordagens de danças tradicionais. Um exemplo foi o estudo sobre influências da cultura brasileira na dança, que levou Márcia Milhazes ao xaxado, uma dança portuguesa da Idade Média, popular na Paraíba.

A discussão foi abrangente. Contou com intensa participação de todos que compunham o GT. Falou-se de ética nas artes, de relações de trabalho, de condições que propiciariam o desenvolvimento de novas formas de expressões. Da necessidade de 'fugir' do maniqueísmo, do julgamento de 'bom' e 'ruim' para não se ficar à reboque dos editais. Observou-se que os grupos do Estado pouco se conhecem e que é necessário maior união e organização.

Em pouco tempo, muitas questões foram colocadas, ainda que não aprofundadas. As propostas principais foram enumeradas pela bailarina e escritora Flávia Dalla Bernadina:

A necessidade de maior interação entre grupos e áreas de dança, com a inclusão de grupos de outras áreas, como danças folclóricas, danças de rua e

danças de salão. A proposta foi a realização de intercâmbios entre grupos de diferentes gêneros de dança; Também foi sugerida a criação de um evento sobre memória da dança capixaba – o que contribuirá para a formação do bailarino e também do público. Além disso, foi proposta a realização de intercâmbio entre grupos, bailarinos e coreógrafos como forma de multiplicar as experiências criativas das montagens.

Importante também é procurar 'fechar' os trabalhos. “Colocar o bloco na rua”. Para Márcia Milhazes é importantíssimo que se termine e apresente uma obra. E não esquecer de multiplicar as oficinas de dança para nelas buscar a formação permanente de uma base ampla de conhecimentos.

“Acaba ocorrendo um entrelaçamento entre a pesquisa sobre o corpo e outras manifestações da cultura brasileira.”
Márcia Milhazes



Espetáculo

Receita Rui Moreira

Coreógrafo: Henrique Rodovalho;
Bailarino: Rui Moreira;
Trilha sonora: Ricghie Hawtin.

A busca de metáforas para ações cotidianas levou o coreógrafo Henrique Rodovalho a criar especialmente para Rui Moreira, o espetáculo solo *Receita*. Nele, há uma profusão de elementos, que a admirável expressividade corporal do bailarino se encarrega de mesclar no ponto certo. Entra, no espetáculo, de tudo um pouco:



jogo cênico com a demarcação do próprio espaço do palco, texto narrativo, audiovisual, música, diálogo com público. Há a relação corpo, movimento, ritmo, repetição e aceleração do movimento. O resultado é um instigante e bem-humorado modo de ensinar a fazer um bolo xadrez.





Entre Dois Pontos In Pares Cia de Dança

Coreografia: Gil Mendes.
Bailarinos: Mauro Marques e Marcelo Vitor.

O professor e bailarino Gil Mendes assina esta coreografia de dança contemporânea, primeira produção do *In Pares Cia de Dança*. Inicialmente concebida no formato solo, rendeu ao bailarino Mauro Marques o Prêmio de Melhor Intérprete no 7º Festival Nacional de Monólogos – Prêmio Cidade de Vitória, Teatro e Dança, de 2004. O trabalho ganhou forma de duo, com o bailarino Marcelo Vitor.

O espetáculo trata das grandes buscas humanas - e das emoções que elas desencadeiam. Os bailarinos se encontram e se desencontram, constroem e desconstroem movimentos, explorando, nesta versão duo, similaridade e contraste, planos, inclinações e produzindo efeitos estéticos com figurino e iluminação originais.



A Dança e os novos desafios

Mesa 03



Participantes



Armando Aurich (ES)

Professor, coreógrafo e bailarino. Formado em dança clássica e em dança contemporânea. Trabalhou com o *Tucson Metropolitan Ballet* nos EUA, *Cia de Dança Rio*, *Cia de Dança de Minas Gerais*, *Cisne Negro Cia de Dança*, *República da Dança* e *Balé da Cidade de São Paulo*.



Alejandro Ahmed (SC)

Coreógrafo, diretor artístico e bailarino do *Grupo Cena 11 Cia de Dança*. Com o grupo, realiza trabalhos de intensas pesquisas e desenvolveu uma técnica que objetiva produzir uma dança em função do próprio corpo em ação e em conexão com o espaço, com outros corpos e com tecnologias.

Onde estão os limites?

Falta apoio, falta público, falta dançar mais, falta festival, falta projeto, falta idéia, falta clareza, falta saber escrever, falta sair um pouco da área e olhar em volta... Algumas faltas têm o poder de continuarem nos desafiando ao longo de décadas. Na terceira mesa redonda do Fórum ES de Dança, houve espaço para debater todas essas faltas, que se emaranham num novelo de imobilidade, impedindo novos movimentos e novas buscas.

A terceira mesa trouxe luz para estas questões, com a experiência do capixaba Armando Aurich, com a participação na *Companhia 2 do Balé da Cidade de São Paulo*, uma companhia formada por bailarinos experientes em busca de tendências e linguagens contemporâneas, e de Alejandro Ahmed, de Santa Catarina, que criou há sete anos e dirige o bem-sucedido *Grupo Cena 11 Cia de Dança*, que, a cada um de seus nove espetáculos, tem provocado uma renovação nos conceitos da dança.

“

As mudanças políticas não deveria interferir nas experiências artísticas que estão dando certo

Armando Aurich ”



Com 30 anos de dança em seis diferentes companhias, os 12 últimos no Balé da Cidade de São Paulo, Armando Aurich, voltou há um para Vitória, onde nasceu. Ele se confessou 'meio desiludido' com a dança em São Paulo, depois que a mais recente administração do *Balé da Cidade de São Paulo* extinguiu a *Companhia 2*, por motivos meramente políticos. Nela, ao lado de outros sete bailarinos seniores, havia espaço para pesquisar e experimentar: o objetivo era ser um grupo que buscava a vanguarda dentro das tendências da dança contemporânea, renovando linguagens e repertório do *Balé da Cidade de São Paulo*. Criada em 1998, a *Companhia 2* abriu novos horizontes para a dança brasileira e para a própria companhia oficial, de acordo com o jornal virtual Portal Sesc/SP (www.sescsp.org.br): “Seu trabalho foi reconhecido pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte de São Paulo), que lhe conferiu 3 prêmios nos anos de 2005 e 2006”. De toda esta rica experiência, Armando Aurich participou, criando para a Companhia *Um campo em preto e branco*, *Um jardim e além dele*, *Substâncias básicas*, entre outras coreografias.

Hoje, Armando Aurich tem uma experiência corporal e de companhia que quer compartilhar com os capixabas. Mas, gato esquentado, diz que a política não deveria interferir nas experiências artísticas que estão dando certo.” Um ano depois de sua volta para Vitória, se inquieta diante do mercado de trabalho local para os profissionais da dança. “Aqui há bons professores formando bons bailarinos, mas parece que fica nisso.....” Armando sente falta de maior número de companhias de dança profissionais para acolher os bailarinos que estão preparados para seguir uma carreira. Para ele, este é o maior desafio que a dança enfrenta no Espírito Santo: a falta de um mercado de trabalho para os profissionais da área.

A necessidade de formação interdisciplinar do bailarino, para ele, não amedronta. “ Não considero a interdisciplinaridade entre a dança e outras artes, outras áreas, um desafio, e sim, uma conquista. O que se exigiria mais de um bailarino é o seu comprometimento com uma carreira profissional”. Em sua opinião, as novas tecnologias e mídias também enriquecem as coreografias: “O uso de

mídias nas apresentações é uma soma para a construção de um trabalho mais atual”, opina. Na opinião de Armando Aurich outro grande desafio da dança atualmente é a formação de platéia: “E só formaremos platéias com bons espetáculos”. A falta de interesse do público por apresentações de dança, para ele, é gerada também pela ausência de 'visibilidade' e de apoio para a própria dança no Espírito Santo.

Coreógrafo, pesquisador, fundador do *Grupo Cena 11 Cia de Dança*, em Santa Catarina, Alejandro Ahmed trouxe muitas informações novas para a mesa. Para ele, a dança atualmente precisa de novas teorias e também de novas práticas para poder encarar seus desafios. Um deles é pensar a conexão dança/internet. Outro, refletir sobre de onde vêm os recursos para a dança hoje – e buscar novos rumos. Um terceiro é pensar a dança como área de conhecimento e não como educação física, atletismo, competição.

Área de produção de conhecimento

Importante, para Alejandro Ahmed, é firmar a dança como área artística. Isto porque, ser dançarino não é fácil: “Você está sempre com um problema de identidade profissional. A gente vai fazer um crediário, abrir conta em banco e perguntam nossa profissão. Isso é complicado... o entendimento que se tem sobre a dança no país ainda é raso”. Ele também pensa que é necessário trabalhar a área de informação para mudar este tipo





“

Esta dança que se alimenta da própria dança se torna autofágica.

Alejandro Ahmed

”

de mentalidade.

Ahmed vivencia, com seu *Grupo Cena 11 Cia de Dança*, uma das experiências mais radicais dos últimos tempos no Brasil. Em seu trabalho, ele pesquisa o movimento, não o movimento do “passo de dança”, mas o que gera comportamentos corporais quase que inevitáveis, de onde se extrai vocabulário e novas informações. Para isto, eles se valem de vários tipos de tecnologias: imagens em vídeo, slides, animação, expansão do corpo por meio de pernas e braços metálicos, patins, separador bucal. Segundo a crítica Helena Katz, do jornal O Estado de São Paulo, “É uma dança de risco, uma investigação inédita e surpreendente”. Em sete anos produziu nove espetáculos – todos desafiadores.

Criado em 1993, o *Grupo Cena 11 Cia de Dança* começou com oito bailarinos, vindos das áreas mais diversas: judô, ginástica olímpica, circo, artes cênicas, ginástica rítmica, num lugar sem tradição de dança, numa época, “Era Collor”, em que vários mecanismos culturais foram extintos. “Depois do estrago, no Brasil só permaneceram atuando de forma mais independente os *Grupos Corpo e Balé Stagium*”, lembra Alejandro Ahmed. Quer dizer, não havia recursos, apoios, nada para jovens que quisessem formar uma companhia de dança. “No início, nós aplicamos o modelo vigente. Fomos buscar formação com os grupos já estabelecidos, estúdios. Neste período, valorizávamos a dança clássica como principal ponto na formação do bailarino. Naquela época, não havia qualquer

possibilidade de trabalho fora de uma companhia de dança já estabelecida”.

Sustentabilidade

Foi um longo caminho até chegar aos editais. Nesse percurso descobriu que precisava aprender mais coisas. A escrever, por exemplo. “A gente não sabe escrever, fica preso a um esquema de montagem e circulação. Não sabe propor idéias, não sabe dimensioná-las num texto que mostre nosso trabalho”. Vender espetáculos às vezes é possível, mas é difícil uma companhia viver disso. Então, ainda que quisesse fugir do esquema da dança como entretenimento, diversão, distração, Alejandro parou para pensar os editais. Os públicos e os privados, que, segundo ele, funcionam como uma espécie de 'mecenato'. “São cerca de dez editais que dão para trabalhar atualmente”, revela.

Ele reconhece que os projetos são trabalhosos, e também que muitas vezes as pessoas que fazem editais para artistas são da área administrativa e que as comissões que selecionam os melhores projetos são formadas por pessoas com seus gostos e entendimentos pessoais dos próprios termos dos editais. Atualmente, o *Cena 11* já tem um produtor especializado em traduzir as propostas do grupo para a linguagem técnica dos editais.

O coreógrafo citou também o caminho dos festivais, muitos geram prêmios e intercâmbios. Mas disse que o principal mesmo é a necessidade do artista melhorar a capacidade de perceber o que acontece em volta e buscar caminhos. Ele disse que quem faz dança e quem assiste aos espetáculos de dança são as mesmas pessoas. Sua idéia é ampliar isto. Investir no conceito de 'artes do corpo', incorporando skate, bikes, patins. Criar organizações estéticas em que caibam também esportes radicais. Alejandro Ahmed sente também a necessidade de criar um tipo de dança que seja também visto pela internet. Uma videodança com acesso direto ao público.

Da Criação

Para ampliar o olhar, Alejandro sugeriu que se saia



da própria área. “Esta dança que se alimenta da própria dança se torna autofágica. A gente roda e fica muito no mesmo lugar. Não há como sobreviver dessa forma”, afirmou. “O que a gente insiste, na *Cia 11*, é na necessidade de pesquisar, de criar hipóteses e não na neurose do preciso dançar, quero dançar. Dessa forma, fica no vício de uma magia que não tem mais mágica nenhuma”.



desequilíbrios, as quedas, o tempo prolongado em posições desconfortáveis que demandam força ou resistência, treina-se o controle do não-controle – e daí vem a nova linguagem, a nova expressão.

“Hoje, chegamos à conclusão de que o conhecimento do clássico não é tão essencial”, revela Ahmed. “O importante, em se tratando de

“

O que nos interessa é o movimento que gera comportamentos corporais quase que inevitáveis, de onde se extrai vocabulário e novas informações.

Alejandro Ahmed

”

E o que Alejandro observa é que tornou-se impossível ignorar a relação entre o corpo contemporâneo e o ambiente. Um ambiente, sobretudo, urbano. Daí o entendimento de cidade como fenótipo estendido do corpo. “Esse conceito supõe que nós também somos o ambiente”. O corpo da e na cidade é também a cidade. Corpo, cidade, movimento, ambiente. Para o coreógrafo, instâncias de um mesmo e único processo, conjunto de relações simultâneas. “Os relacionamentos não apenas causam a modificação de uma coisa pela outra, como promovem a reorganização contínua e irreversível das suas estruturas em aspectos e intensidades imprevisíveis”.

Segundo a *Enciclopédia Itaocultural Arte e Tecnologia*, o processo criativo do *Grupo Cena 11 Cia de Dança* inova ao produzir uma dança em função do corpo – invertendo o processo de criação de coreografias. Em artigo assinado por Maíra de Spanghero, o método de criação da Cia consiste em “expandir o estado de inevitabilidade para que o corpo mostre sua capacidade adaptativa e funcional para resolver problemas que lhe são propostos”. O que acontece no corpo são estados e não a simulação. Por meio de estratégias como a repetição, a velocidade, os

pesquisa de linguagens e expressões, é a característica adaptativa/criativa de cada profissional, como ele resolve os problemas que aparecem no grupo”. Aí está o radicalismo, no espaço para o imprevisível, o imponderável que pode desafiar o comportamento adquirido ao longo de décadas. Esta ampliação de espaços e possibilidades experimentais valeu à *Cena 11* a incorporação ao elenco da cadela *Nina*, uma border collie preto e branca, que já se apresentou, na coreografia *Skinnerbox*, ao lado de robôs e bailarinos. O que muda, revela Alejandro Ahmed, “é nossa própria definição de dança”.

E o público nisso tudo? “O nosso é cada vez menos ‘público de dança’. A gente percebe que tem atualmente um público interdisciplinar, com interesse em filosofia, cultura...”, acrescenta Ahmed. Mas para os profissionais do Espírito Santo, a questão do público é fundamental e motivou um debate de encerramento da mesa redonda: Como formar público para a dança? Quais os formatos de apresentações mais populares? Festivais? Incluir apresentações de dança em eventos de ação social vale a pena?

Espectáculo

Ensaio Sobre A Dramaturgia das Górgonas Urucum Dança Teatro

Coreografia: Urucum Cia de Dança; Bailarinas: Marcela Cavallini, Déa Carpanedo; Iluminação: Anselmo Grove;
Violino: Ludwig Schneider.

O sensual e o grotesco se encontram neste espetáculo com sombras provindas de diferentes fontes de luz, criado a partir da exposição *Medusário*, da artista plástica Flávia de Macedo. O grupo desenvolve uma poética de vultos em movimentos, para atualizar o mito do monstro alado grego com corpo de mulher e

cabeleira formada por serpentes e a explicam da seguinte forma: “Somos muitas vezes sombras dos nossos instintos, da nossa energia pulsante e sexual, e a Medusa, símbolo da impulsão feminina, não consegue conter essa força, capaz de transformar a si própria em algo avassalador”.



Fahrenheit 451

Cia Teatro Urgente

Texto, coreografia e direção: Marcelo Ferreira;
Bailarinos: Arcanjo Nobre, Diego Scandian e
Marcelo Ferreira

Inspirado no romance de Ray Bradbury e na adaptação para cinema de François Truffaut, o espetáculo é o último da trilogia em homenagem ao cinema. Os anteriores foram *Nosferatu* e *Metropolis*. Aborda o poder, a censura, a alienação de uma sociedade vigiada, teleguiada, onde os livros são proibidos e queimados, como uma grande ameaça à “felicidade” do homem.



O próprio título do espetáculo, do livro e do filme, refere-se ao grau em que o papel entra em combustão. Criado em 2003, a Cia pesquisa processos criativos, gestual dramático expressionista, teatro-físico, teatro-dança e interações entre artes dramáticas e visuais. É dirigida por Marcelo Ferreira e conta com os atores-bailarinos Arcanjo Nobre e Diego Scandian.

Corpo Deserto

Cia Mítzi Marzzuti

Direção geral, iluminação, produção e assistente de ensaios: Mítzi Marzzuti;
Coreografia, direção cênica, roteiro, figurino e seleção musical: Cláudia Palma;
Bailarinos: Gabriela Camargo, Nerdin Montenegro, Carolina Mattedi e Marcos Saleme.



Baseado no poema *Transição*, de Cecília Meireles, o espetáculo criado pela coreógrafa paulista Cláudia Palma para a *Cia de Dança Mítzi Marzzuti*, dança a busca de equilíbrio no precário. Explora o instável, o inseguro, o vazio interior, o medo e a falta de certezas do mundo contemporâneo.

Gerado a partir do intercâmbio entre a coreógrafa paulista e a *Cia de Dança Mítzi Marzzuti*, possibilitado pelo projeto Residência em Artes Cênicas, da Secretaria de Estado da Cultura, o espetáculo exige dos bailarinos da companhia, além de técnica e talento, algo de artes circenses, improviso, fôlego, resistência, e muita expressividade corporal.



Espetáculo

Simbolein Cia Enki De Dança

Coreografia Paulo Fernandes.
Bailarinos: Paulo Fernandes
e Jurandir Gusmão.



O espetáculo é a tradução corporal de uma pesquisa do bailarino, professor, coreógrafo e pesquisador Paulo Fernandes sobre um antigo dialeto africano, o *Ge'ez*, usado na Etiópia há dois mil anos antes de Cristo.

Fruto de reflexões sobre o diálogo entre escrita e gestos, *Simbolein* recebeu incentivo do Fundo Nacional das Artes (Funarte) para apoio de montagem e circulação e foi contemplado no Prêmio Klauss Vianna em 2009.

A Cia representou a dança capixaba no início de setembro de 2010, no *Festival L'Espirito Provence*, na França.

Simbolein, do grego, não representa só a palavra 'símbolo'. Significa também 'juntar', 'agregar'.

*Orí, que em língua iorubana
significa cabeça, o centro, a
referência principal.*

Orí

Cia Homem de Dança

Coreografia: Elídio Netto;
Bailarinos; Elídio Netto, Ely Ramos, Felipe Nobre,
Márcio Santos, Jordan Fernandes e Samuel Maciel.



Há mais de dez anos a *Cia Homem de Dança* vem buscando traduzir para a contemporaneidade sua pesquisa de dança afro. Elementos do candomblé e da capoeira, além de acrobacias e jogos corporais fazem parte de suas apresentações – várias delas premiadas ao longo desta década.

Elídio Netto, coreógrafo, bailarino, fundador da Cia, junto com quatro bailarinos e um músico, buscam uma apresentação mais reflexiva. Efeitos em Preto & Branco, ornamentação corporal, berimbau tocado no palco, *Orí* explora planos, modos de cair, coreografias com todo grupo em cena.

Performance Urbana

MovimentUrbano Crew Mova-se



Coreografia: Thais de Luca.
Dançarinos: Erick Oliveira, Christian Mattos,
Rodrigo Barcellos (Tedtage), Thayná Carvalho
e Thais de Luca.



Danças urbanas ligadas à Black music são a especialidade do MovimentUrbano Crew . A influência vem dos subúrbios norteamericanos e os estilos são variados: Locking, Hip Hop, Lady Style, Street Dance, Popping juvenile e breaking juvenile.

Bailarina, coreógrafa, Thais de Luca há cinco anos divulga, por meio de apresentações e oficinas, esses diversos estilos de dança de rua e forma novos dançarinos. Ao lado de Christian Mattos, ela é fundadora do Movimenturbano Crew. A coreografia Mova-se, apresentada no anfiteatro da Fafi no primeiro dia do Fórum, alcançou o 3º lugar em Danças Urbanas Avançadas, no 1º Passo de Arte ES - Teatro UFES 2010.



Performance Urbana

Atos Hip-Hop Crew



Apresentação: Mc Jack
Dançarinos: b.boys Pelé, Júlio, Gepeto e Daniel
e as b.girls Foca, Camila e Magrela.



Representa, há sete anos, a cultura hip-hop no Estado. Tem um MC no comando do som, dançam o break, e usam o grafite como forma urbana de expressar imagens. O número de b.boys e b.girls varia a cada atuação.

O Atos Crew dançou no segundo dia do Fórum, no Anfi-teatro da Fafi, em formato de roda de break, formato de batalha, em que dois grupos disputam quem dança melhor, e com entradas livres.



Carta de Vitória



Vitória, 12 de setembro de 2010.

Reunidos em Vitória-ES, Brasil, para o Fórum ES de Dança, no período compreendido entre os dias 10 e 12 de setembro de 2010, representantes de Companhias Profissionais de Dança, de Escolas de Dança Privadas e da Escola Pública de Dança, Professores, Coreógrafos, Bailarinos, Alunos de dança, representantes do Conselho Nacional de Dança e representantes da classe artística decidem em conjunto encaminhar à Sociedade Civil e à Secretaria de Estado de Cultura/Governo do Espírito Santo a "Carta de Vitória" com as seguintes propostas:

- 1- Utilizar como modelo o Plano Nacional de Dança para a criação de um Plano Estadual de Dança; http://idanca.net/wp-content/uploads/2009/09/plano-danca_atualizado1.pdf
- 2- Disponibilizar espaços públicos para residência de companhias de dança existentes contando com uma agenda permanente de apresentações públicas e/ou ensaios abertos;
- 3- Manter uma escola pública de dança de qualidade com formação múltipla e contínua tendo com o objetivo a continuidade da formação e do corpo docente;
- 4- Incentivar a criação de uma companhia de dança jovem formada por bailarinos capixabas, mantida pelo poder público;
- 5- Incentivar a criação de uma Companhia Profissional de Dança do estado mantida pelo poder público, aberta a bailarinos de todo Brasil;
- 6- Fomentar a interação e o fluxo de diálogo e trocas de experiências entre as diferentes linguagens da dança e companhias através de realizações de workshops práticos e teóricos;
- 7- Mapear os grupos e companhias de dança do estado a fim de conhecer sua produção, linguagem, fonte de recursos e viabilidade;
- 8- Desenvolver mecanismos de divulgação dos calendários de atividades das escolas de dança públicas e privadas;
- 9- Acrescentar as propostas feitas pelo grupo de trabalho dança e políticas culturais ao plano nacional de dança; http://idanca.net/wp-content/uploads/2009/09/plano-danca_atualizado1.pdf

Relatores: Representantes dos Grupos de Trabalho realizados durante o Fórum:

Armando Aurich

Leonardo Serra

Betina Miranda

Liviane Pimenta

Ivna Messina

Luciana Zanandréia

Sobre um caldeirão de estilos e idéias

Um olhar social e cultural inspirou Eluza Santos a encontrar na dança um verdadeiro caldeirão expressivo, onde entra o clássico, o étnico, o moderno, o contemporâneo, o popular, além do teatro e das artes plásticas. Esta visão múltipla a conduziu a uma pesquisa etnográfica sobre a dança em Vitória, sua cidade natal. Eluza pesquisou expressões culturais enraizadas nos trabalhos dos grupos capixabas que estavam na ativa em meados da década de 90, como Neo-Iaô, Advinha quem vem para dançar, a Cia de Dança Mítzi Marzzuti, a Duo Cia de Dança, Ballet da Ilha Cia de Dança e outros.

Observadora-participante do Fórum Espírito Santo de Dança, Eluza Santos registrou suas impressões sobre o evento – que considerou um “caldeirão” de estilos, vozes, pensamentos e, sobretudo, pessoas que amam a dança ... e outras artes.

“

O que acredito fervorosamente é que o corpo pensante do artista precisa ser mais humano.

Eluza Santos

”



Reflexões geram reflexões ... que precisam resultar em ações



Participante



Eluza Maria Santos nasceu em Vitória, ES, e, após duas décadas de atuação profissional nos Estados Unidos, retornou ao Brasil em 2008. Sua mais recente experiência profissional naquele país foi na University of North Carolina Greensboro (UNCG) como professora efetiva do UNCG Department of Dance por um período de 12 anos. que passou no Espírito Santo após o curso de mestrado.

Levando em consideração a minha experiência de vida em dança, a maneira mais autêntica que encontro para abordar minhas observações sobre o Fórum ES de Dança é focar a multiplicidade. Neste evento em que os objetivos eram refletir, na nossa atualidade, sobre a dança e fomentar o intercâmbio de uma forma abrangente – incluindo o Espírito Santo, o Brasil e o mundo – a analogia do “caldeirão” é de grande potencial, fato que percebi no momento da abertura oficial do fórum. O auditório da Escola de Teatro e Dança FAFI estava repleto, mas o que se destacou na minha percepção foi a diversidade histórica e de linguagens relacionadas à dança dentre os participantes, começando com jovens e iniciantes e chegando até profissionais como Lenira Borges, uma das pioneiras dessa arte em nosso estado.



Foi uma satisfação para todos nós ouvirmos, na abertura oficial, que o Fórum ES de Dança era em homenagem à ela. Isso mostra que suas contribuições para a dança capixaba, vindas de um longo tempo, afirmaram-se e propagaram-se. Uma homenagem como essa aponta para o fato de que uma linha de tradição na dança no Espírito Santo existe. Refiro-me à dança cênica que vem da formação clássica. Ao perceber as diferentes linguagens de dança representadas naquele momento de abertura do fórum, verifiquei novamente os objetivos do evento e reiterarei para mim mesma que para tratarmos da dança atual de uma maneira ampla e como uma forma de arte cênica, teríamos que levar diversas vertentes em consideração. Isso, quando se trata de contemporaneidade, é muito saudável e necessário.

Nessa mesma linha de pensamento, outro momento me chamou a atenção. A Secretária de Estado da Cultura, Sra. Dayse Lemos, apropriadamente lembrou aos presentes da criação do Cais das Artes em Vitória. Sem dúvida, isso significará um grande impulso para as artes e para a comunidade capixaba. Estou consciente que esse “cais” incluirá um palco para grandes companhias e propiciará boas oportunidades para as maiores companhias capixabas, segundo a secretária. Reflito: quando teremos grandes companhias? Ainda não temos sequer uma grande companhia no Estado. Se este é nosso objetivo, precisamos nos concentrar no trabalho de preparação, oferecendo mais apoio e incentivo às companhias existentes, ainda que sejam bem diversas entre si. Entendendo a diversidade em todos os sentidos – número de integrantes, linguagens, locais de atuação. A diversidade tem sido almejada não só nas artes, mas na vida em geral. Não podemos perdê-la. Que o Cais

das Artes seja maravilhoso com seu palco para companhias de dança de grande porte, mas que contemple também um espaço, ou outros espaços, para atender o nosso universo de dança múltiplo.

As três mesas redondas que foram realizadas no Fórum instigaram o pensamento de todos os presentes, em grupos grandes e atentos. Na primeira mesa, com Mítzi Marzzuti, Solange Caldeira e Luciana Zanandréa, debateu-se o tema *Panorama da Dança*. O primeiro momento da mesa foi bastante informativo, pois Mítzi propiciou aos participantes um pouco de conhecimento sobre o movimento da dança profissional capixaba a partir dos anos 80.

Enquanto ouvia Mítzi, eu imaginava um acréscimo ao seu texto sobre o movimento da dança no Estado para mostrar um panorama mais completo. Como minha pesquisa de doutorado realizada no final dos anos 90, focou a dança contemporânea em Vitória, fiz uma genealogia da dança cênica mostrando como ela começou e se desenvolveu, para então discutir a dança contemporânea. Nessa genealogia, ficam caracterizadas as duas origens, em Vitória, da dança cênica: o ballet clássico e a educação física. Desses pontos iniciais, essa “árvore genealógica,” por assim dizer, segue até meados de 90, delineando grupos e companhias mencionados por Mítzi (*Neo Iaô*, a companhia da própria Mítzi, *NegraÔ*, *Duo*, entre outros) e mais alguns, incluindo o *Grupo Axis*, dirigido por mim.

Solange Caldeira abordou questões como o que significa ser artista bailarino. Para ela, deve-se fazer da dança uma área de conhecimento, em sua amplitude. Fazer uma prova profissionalizante, em seu modo de ver, não torna o bailarino um profissional (“isso não

existe”, como ela mesma falou, é preciso muito mais). Uma outra percepção foi apresentada por Luciana Zanandréa, também bailarina e professora, que se considera obstinada com a formação técnica.

Durante o período de discussão, houve vários depoimentos com relação aos problemas encontrados no panorama da dança no Estado. Vejo como um dos mais relevantes, a falta de dança e das artes cênicas integradas como um todo nas escolas. Acredito que educar para a arte promove o conhecimento e o enriquecimento não apenas do ser humano, mas da própria arte – isso evidentemente muda o panorama. Alguns professores da FAFI falaram sobre a intenção de transformá-la em uma escola técnica, profissionalizante. Formar um profissional em dança é algo positivo, mas o que é extremamente necessário é se ter a dança – a arte – embutida na educação. Achei muito interessante também que alguns participantes do fórum demonstrassem a necessidade de uma visão mais aberta e rica da dança, incluindo outras modalidades, como a dança de rua. Eles sentem falta do apoio das escolas para outros estilos e não só o ballet.

Ficou claro que a discussão da primeira mesa de debate estava focada em expandir o panorama

da dança. Entretanto, a questão de público não foi abordada. Sabemos que temos pouquíssimos teatros onde a dança pode ser apresentada. Sei que em Vila Velha (bem pertinho da capital) é praticamente impossível se encontrar um teatro adequado para espetáculos de dança. Claro, podemos apresentar a dança em vários locais, mas se estamos falando do panorama da dança, a falta de teatros apropriados no Estado afeta esse panorama drasticamente.

Com relação à mesa dois, o tema foi *O Corpo na Arte Contemporânea*, debatido por Marcelo Ferreira, Márcia Milhazes e Rui Moreira. Marcelo fez uma breve introdução, mas enfatizou o termo pesquisa ligado à arte da dança. Márcia, por sua vez, pediu cautela com o uso da palavra “pesquisa”, que para ela está desgastada. Questiono se esse desgaste pode ser a falta de conhecimento do vasto significado que o termo “pesquisa” tem em suas várias aplicações e com questionamentos e metodologias claramente elaborados. Ou esse desgaste pode ser causado pelo fato de alguns artistas buscarem impulsos para criarem sua arte em aspectos intelectuais, ou em conceitos, que não se originam na verdade do seu “ser?” Concordo com Márcia quando ela diz que o corpo que pensa é importante na arte. Em suas



próprias palavras: “o artista deve apenas copiar?” Pensamento, intelecto, conceitos, etc, fazem parte da busca pelo conhecimento em todo ser humano. O artista, e mais especificamente o artista da dança, não precisa ser diferente. Ele é pensante e se ele é o seu corpo, passa a ser um corpo pensante.

O que acredito fervorosamente é que o corpo pensante do artista precisa ser mais humano. Rui abordou esse ponto. Ele se diz essencialmente bailarino. É brasileiro, seu corpo é brasileiro e seu pensamento é brasileiro. Com essa maneira de pensar, as tecnologias relacionadas à dança cênica, ou as técnicas de dança, parecem distantes dele como artista. Para ele, o lugar da busca e da curiosidade é interno. No meu entender, Rui faz a sua busca de criatividade e de artista no seu “ser” brasileiro. Ele mesmo se diz curioso sobre as culturas que o cercam. Quando o termo arte conceitual foi mencionado, Rui se manifestou dizendo que não consegue imaginar um processo artístico, criativo, que não seja conceitual, mas o conceito verdadeiro vem de uma busca interna. A meu ver, isso faz com que o corpo que dança e cria; produza trabalhos com uma clara essência, ou “coluna vertebral”, como denominou Márcia.

A terceira mesa de debate, com o tema *A Dança e os Novos Desafios*, minha observação é de que esse foi o momento mais revelador em termos de se pensar em ampliar e aceitar a multiplicidade na dança. O tema foi abordado por Armando Aurich e Alejandro Ahmed. Foi muito interessante ouvir de Armando que sua experiência sempre foi com companhias, algumas bem tradicionais e, ao mesmo tempo, perceber sua abertura para as diversas manifestações e abordagens na dança cênica. Uma idéia de audição, vinda da *Companhia República da Dança*, foi apresentada por Armando. Nessa companhia, a visão de audição é agendar uma conversa com a pessoa interessada em entrar para o grupo e depois pedir para ela se “mexer.” Isso pode ser apavorador para muitos artistas em nossa área, porém é um desafio perfeito para os diretores que se interessam pela diversidade de potencial que pode ser encontrada em futuros integrantes de companhias de dança.

Alejandro se pronunciou a favor da integração de várias áreas – dança, teatro, literatura, educação física, etc. Suas idéias soaram para mim como uma forma de confirmação de meu próprio trabalho. A *Companhia Cena 11*, dirigida por ele, não tem integrantes de formação tradicional em dança, mas sim em



áreas como artes cênicas, ginástica e educação física.

Considero a diversidade atual muito enriquecedora e faço parte do grupo de diretores que acham que os membros de suas companhias trarão “frescor” à interpretação de obras coreográficas se buscarem conhecimentos também em áreas como teatro,

profissionalizantes, mais recursos que propiciem sua formação, mais oportunidades, visibilidade, etc. Quanto ao Plano Nacional de Dança foi uma revelação para muitos participantes do Fórum. Se o evento não tivesse acontecido, provavelmente muitas pessoas envolvidas com a dança não teriam tomado conhecimento dele. Penso que um documento assim poderia ter sido discutido sem o conflito



literatura, música, tecnologia, etc. Se a dança é para quem faz e quem assiste, e se quem assiste pode variar imensamente, por que nos limitarmos? Alejandro pode ter dito algo que muitos artistas não gostam de ouvir, mas suas palavras tiveram um significado importante para a dança dessa nossa época. Conforme revelou, a dança fica muito medíocre quando se preocupa somente com a técnica, pois existem muitas outras coisas.

Os três grupos de trabalho que compuseram o Fórum também clamaram por mais abertura, diversidade, visibilidade e apoio para diversos setores. As propostas elaboradas nos grupos de trabalho são reivindicações que precisam ser vistas com seriedade e são de grande necessidade para os envolvidos. Todas elas geraram um documento, a Carta de Vitória.

Já há algum tempo, não me sentia tão estimulada profissionalmente ao observar jovens dançarinos reivindicando cursos

de um outro grupo de trabalho estar acontecendo no mesmo horário. Entretanto, congratulo a todos pelo trabalho que foi realizado e acho corajoso e exemplar agregar algo adaptado ao Plano Nacional para o Espírito Santo.

Quando o grupo de trabalho três estava reunido, inicialmente, tive a impressão de que nenhuma proposta seria produzida, pois a conversa sobre dança e linguagens contemporâneas envolveu a todos por um longo tempo. Entretanto, acabou ficando claro que as diferentes linguagens sentem necessidade de se conhecerem melhor. Cursos, debates, palestras, demonstrações e outras formas de interação certamente contribuirão para que se tenha de fato uma apreciação da pluralidade da dança contemporânea.

Sobre os espetáculos apresentados no Fórum, vieram a exemplificar muitas idéias e conceitos discutidos durante as tardes na Fafi. Três

pontos, para mim, merecem ser destacados. O primeiro foi a apresentação do Grupo Raça, que considerei de uma estética bastante atual e belíssima. Além disso, pareceu-me vantajoso uma companhia se apresentar com exclusividade em uma noite, permitindo à platéia uma apreciação plena de seu trabalho. Meu segundo ponto é com relação às companhias locais, que tiveram um tempo

Finalizando, quero compartilhar com todos um excelente exemplo do que falei, um texto escrito por Tiago Zanoli, numa matéria sobre Antônio Nóbrega no Jornal A Gazeta de 2/9/10: “A vida e a obra de Antônio Nóbrega são marcadas pela multiplicidade. Ator, dançarino e músico, ele conjuga diversas linguagens, diferentes universos, unindo sua formação erudita às tradições populares. Pernambucano



curto de apresentação. Essas companhias também possuem fortes e belíssimos trabalhos, mas com poucos minutos para mostrar parte de uma montagem coreográfica; com algumas exceções, um certo vazio pairou no ar. Entretanto, admirei muito o trabalho de movimentação e efeitos visuais de palco no pouco que foi apresentado.

Meu último ponto refere-se à apresentação de Rui Moreira. Pude perceber claramente em sua coreografia muitos dos conceitos e idéias abordados por ele durante a mesa de debate. Sua movimentação, principalmente, mostrou originalidade e magnetismo. Se para ele o lugar da busca e da criatividade é interno, ele realmente interiorizou-se para sair com uma movimentação genuína. A teatralidade, especialmente através do texto na coreografia de Rui, foi um ótimo exemplo de utilização de elementos das artes cênicas em um trabalho de dança. Mais uma vez, é a multiplicidade na dança.

radicado em São Paulo, escreve, atua, dirige, dança, compõe, canta e toca instrumentos.”

Estas reflexões mostram que considerei o fórum um maravilhoso movimento para o desenvolvimento da dança no Estado. Espero que continuemos seguindo nessa direção de avanço e tenhamos ações, vindas de todos nós e dos órgãos competentes. É possível, tenho certeza.



Parceria

Realização



Secretaria
da Cultura

